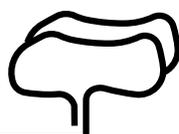


Boletim do Mercado da Pinha

Campanhas de 2018/19 a 2022/23



unac



União da Floresta Mediterrânica

PDR
2020
PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL 2014-2020

PORTUGAL
2020

 **UNIÃO EUROPEIA**
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe na Zona Rural

A UNAC – União da Floresta Mediterrânica

A UNAC representa os interesses dos produtores florestais do espaço mediterrânico português junto das instituições nacionais e europeias, através de uma estratégia de intervenção de cariz técnico-político. Acompanha e analisa todos os processos e iniciativas com relevância e interesse para os seus associados, como é o caso das políticas rurais, florestais, ambientais e fiscais.

Através da UNAC, as organizações de produtores florestais do espaço mediterrânico definem posições comuns sobre temas estratégicos e transversais, desenvolvendo contributos e participações válidas, construtivas e tecnicamente fundamentadas.

Tem uma área territorial de influência aproximada de dois milhões de hectares, representando cerca de 700.000 hectares de áreas agroflorestais e cerca de 1200 produtores.

UNAC – União da Floresta Mediterrânica

R. Mestre Lima de Freitas, n.º 1, 1549 - 012 Lisboa

Tel.: + 351 21 710 00 14

Fax: + 351 21 710 00 37

E-mail: geral@unac.pt

www.unac.pt



Ficha Técnica

Edição: UNAC - União da Floresta Mediterrânica

Design Gráfico, Paginação e Preparação Gráfica: Whitespace

Lisboa, dezembro, 2024

Índice

	Nota Prévia	4
	Sumário Executivo	4
1.	Enquadramento	5
1.1	Contexto Internacional	5
1.2	Contexto Nacional	5
1.3	Mercado da Pinha e do Pinhão	6
1.4	O Pinhão no Contexto Mundial	6
2.	Incidências da Campanha	8
2.1	Evolução das Condições Climatológicas nos anos que antecedem a campanha	8
3.	Fatores Determinantes da Estrutura de Custos da Apanha da Pinha	10
3.1	Energia	10
3.2	Taxas de Juro	11
4.	Caraterização das Campanhas de 2018/19 a 2022/23	12
4.1	Enquadramento da Campanha	12
4.1.1	Oferta e Procura	12
4.2	Resultados dos Inquéritos	13
4.2.1	Caraterização do Universo dos Inquéritos	13
4.2.2	Colheita e Comercialização	13
4.2.3	Preços de Comercialização e Custos de Apanha	15
	Nota Final	16



Nota Prévia

Uma das principais lacunas existentes é a ausência de informação atualizada e periódica sobre o mercado da pinha, que é uma componente essencial para o equilíbrio das relações comerciais entre a oferta e a procura desta matéria-prima. Considerou-se por isso que, face à importância que a pinha e o pinhão representam para o País, era necessário trabalhar no sentido de melhorar a caracterização do mercado da pinha e do pinhão, possibilitando um maior conhecimento do mercado aos produtores.

Foi esta questão que determinou que a UNAC implementasse um procedimento de compilação de informação relevante para a caracterização do mercado da pinha, possibilitando um melhor conhecimento das dinâmicas de mercado aos produtores.

A UNAC, em conjunto com as suas organizações de produtores florestais filiadas, realiza, desde 2012, Inquéritos sobre a Comercialização da Pinha, que têm possibilitado a recolha junto dos produtores de um conjunto de indicadores relativos ao mercado da primeira transação de pinha.

Esta iniciativa constitui, até ao momento, a única forma de se obter uma perspetiva das tendências e preços da comercialização da pinha no decurso da campanha, e depende exclusivamente da colaboração dos produtores florestais.

Por esse facto, não podemos deixar de agradecer a todos os associados que ao responderem aos inquéritos confiaram na sua Associação, partilhando informações e promovendo o desenvolvimento do setor produtivo do pinheiro-manso e da pinha.

Sumário Executivo

O período entre 2019 e 2023 foi marcado pela pandemia COVID-19, que afetou profundamente a atividade económica, em Portugal e no resto do mundo, e pela guerra da Rússia contra a Ucrânia, que marcou a economia em 2022 e 2023, com aumento dos preços das matérias-primas, da energia e dos produtos alimentares.

O mercado da pinha e do pinhão apresentou uma queda acentuada em 2018, com um decréscimo de 54% face a 2017. Após um aumento significativo das exportações em 2019, desde 2020 que os valores das exportações têm vindo a diminuir de forma acentuada.

Neste enquadramento, o preço de comercialização da pinha nestas cinco campanhas (preço de pinha colhida e pesada) teve um valor mínimo de 0,62 €/kg (campanha 2022/23) e um valor máximo de 1,43 €/kg na campanha de 2020/21. A campanha de 2022/23 foi caracterizada por uma queda de 40,4% no preço de comercialização em relação à campanha anterior.

Nas cinco campanhas a que dizem respeito este boletim, o custo da apanha da pinha variou entre 0,41 €/kg (campanha 2022/23) e 0,63 €/kg (campanhas 2020/21 e 2021/22), sendo este valor o mais elevado desde 2009/10.

1. Enquadramento

1.1 Contexto Internacional

De acordo com o Banco Central Europeu, o crescimento económico mundial diminuiu de forma abrupta em 2019, exibindo um crescimento a uma taxa inferior à média histórica. O abrandamento mundial foi generalizado, incluindo nas economias mais avançadas, como os Estados Unidos, o Reino Unido e o Japão. Na China, o crescimento registou a taxa mais baixa desde 1990. Noutras economias de mercado emergentes de grande dimensão, o crescimento apresentou-se, em geral, pouco dinâmico, reflexo de uma recuperação lenta da recessão.

Em 2020, a economia mundial sofreu uma profunda recessão devido à pandemia COVID-19. Após os mínimos observados no segundo trimestre de 2020, a economia mundial apresentou uma recuperação parcial no terceiro trimestre, devido ao abrandamento da pandemia e das medidas de contenção. No entanto, a segunda vaga da pandemia e a reintrodução de medidas de restrição em algumas economias avançadas abrandaram o crescimento no último trimestre. Globalmente, em 2020, o PIB diminuiu 6,6% em relação a 2019.

Em 2021, a economia mundial registou uma forte recuperação face à crise, embora os progressos tenham sido diferentes entre os países. As economias mais avançadas apresentaram uma maior recuperação comparativamente às economias de mercado emergentes. Não obstante as novas vagas da pandemia, o PIB mundial aumentou 6,2% em 2021, no entanto, as limitações sentidas no abastecimento a nível mundial funcionaram como fatores adversos ao crescimento.

Em 2022, houve um novo abrandamento da economia mundial devido à guerra da Rússia contra a Ucrânia, à subida da inflação e ao aumento da restritividade das condições financeiras. A diminuição no crescimento mundial de 6,4% em 2021 para 3,4% em 2022, foi generalizada nas economias avançadas e de mercado emergentes. A guerra levou a uma subida de preços das matérias-primas, da energia e dos produtos alimentares, ampliando a inflação ao nível mundial, reduzindo o rendimento disponível real das famílias.

No primeiro trimestre de 2023, verificou-se o início da tendência de desaceleração do aumento do nível de preços na Zona Euro, no entanto manteve-se a elevada taxa de inflação decorrente dos efeitos do conflito militar entre a Ucrânia e a Rússia e dos estrangulamentos das cadeias de abastecimento. A economia mundial revelou-se mais resiliente do que o esperado no primeiro semestre de 2023, mas as perspetivas de crescimento permaneceram fracas.

1.2 Contexto Nacional

Segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística, o PIB português cresceu 2,7% em termos reais em 2019. No entanto, na sequência dos efeitos adversos da pandemia na atividade económica, foi observada uma diminuição histórica de 8,4% no PIB em 2020. Em 2021, o PIB cresceu 5,5% e em 2022 o crescimento foi de 6,8%, embora a económica tenha registado a partir do segundo trimestre de 2022 uma forte desaceleração, após o período de recuperação da crise pandémica. A evolução da economia portuguesa foi condicionada pelos efeitos da agressão militar russa à Ucrânia, em particular por causa do aumento da incerteza geopolítica e da crise energética na Europa, que contribuíram para exacerbar o aumento de custos e preços e para a deterioração da confiança dos agentes económicos. Em 2023, a economia cresceu acima do esperado, sustentada em larga medida pelo dinamismo das exportações.

1.3 Mercado da Pinha e do Pinhão

Após uma subida no valor das exportações em 2017, o mercado da pinha e do pinhão apresentou uma queda acentuada em 2018, com um decréscimo de 54% face a 2017. Em 2019, o valor das exportações aumentou significativamente, atingindo os 13,31 milhões de euros. No entanto, desde 2020, os valores das exportações têm vindo a diminuir de forma acentuada, atingindo um valor inferior a 1 milhão de euros em 2022 (Fig. 1). O decréscimo na produção de pinha ao nível nacional e a inundação dos mercados europeus com pinhão oriundo da Ásia e da Turquia têm contribuído para este decréscimo nos valores de exportação de pinha/pinhão.

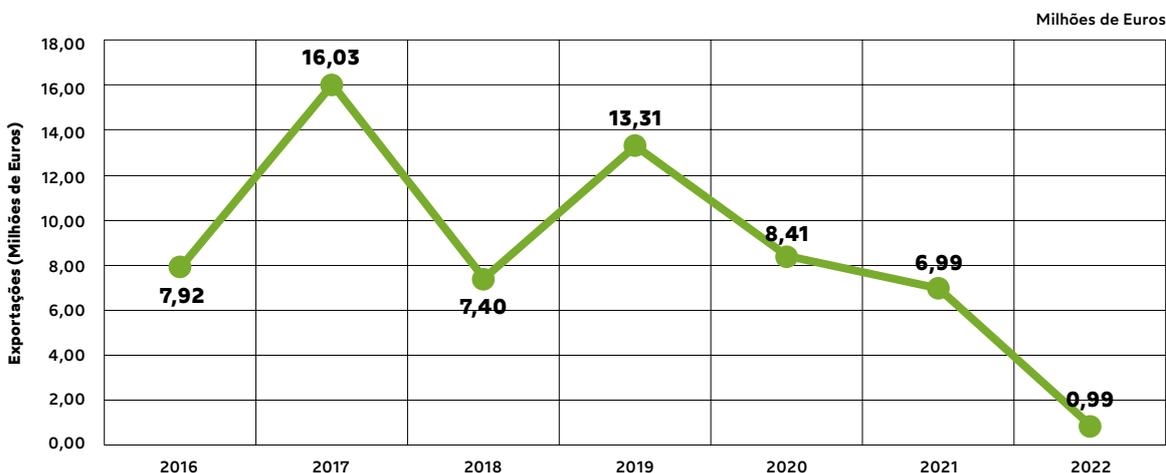


Figura 1 – Exportações de Pinha/Pinhão (milhões de €) (Fonte: Instituto Nacional de Estatística – INE para o código 08029050 entre 2016 e 2021 e códigos 08029100 e 08029200 em 2022. O código 08029050 corresponde a “Pinhões (Pinus spp.), frescos ou secos, com ou sem casca ou pelados” e pode incluir a pinha por processar. Os códigos 08029100 e 08029200 correspondem a pinhões, frescos ou secos, com casca e sem casca respetivamente.

1.4 O Pinhão no Contexto Mundial

Em 2021, o pinhão representou apenas 1% do consumo de frutos secos ao nível mundial, valor reduzido comparativamente a outros frutos secos, como a amêndoa, que representa 31% dos frutos secos consumidos, ou a noz (19%) e o caju (19%) (Fig. 2).

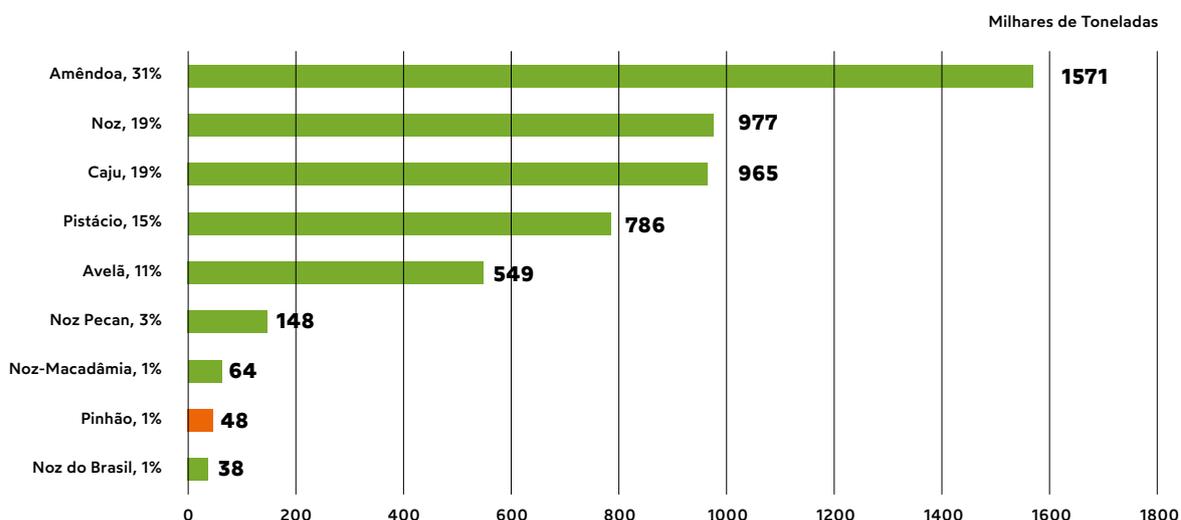


Figura 2 – Estimativa do consumo mundial de frutos secos a nível mundial (milhares de toneladas e percentagem) (Fonte: International Nut & Dried Fruit Council – INC).

É importante ter em conta que estes dados se referem ao pinhão oriundo de diferentes espécies de pinheiro, como por exemplo *Pinus koraiensis* (pinheiro chinês), *P. sibirica* (pinheiro siberiano), *P. gerardiana* (pinheiro paquistanês) e *P. pinea* (pinheiro-manso). Nos países Mediterrânicos, como Itália, Espanha, Portugal e Turquia, os dados de produção dizem respeito ao pinhão de pinheiro-manso.

Porque a maioria dos pinhões comercializados são oriundos de florestas naturais com inerente variabilidade produtiva, a produção ao nível mundial apresenta também ela grande variabilidade de ano para ano (Fig. 3). Nos últimos três anos, a produção mundial média duplicou em relação à média dos cinco anos anteriores. O pico de produção registado em 2021/22 está associado a produções elevadas (ciclo de safra) na China e na Rússia, países que lideram a produção mundial de pinhão (Fig. 3).

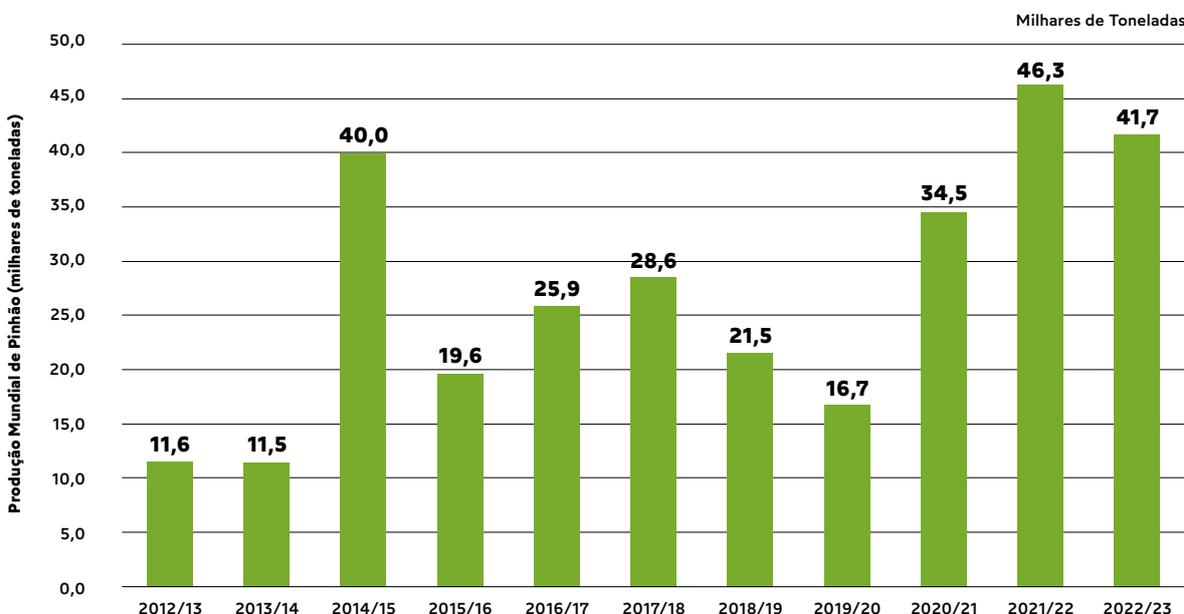


Figura 3 – Produção mundial média de pinhão (miolo) (milhares de toneladas)
(Fonte: International Nut & Dried Fruit Council – INC).

A China, a Federação Russa e a Coreia do Norte produzem cerca de 64% do pinhão mundial (média de cinco anos). O maior produtor Mediterrânico é a Turquia (2% da produção mundial), seguido de Itália, Espanha e Portugal, que em conjunto contribuem com apenas 1% do pinhão produzido ao nível mundial (Fig. 4). De notar, no entanto, que os valores de produção italianos, incluem pinhão importado em bruto e depois processado e embalado em Itália.

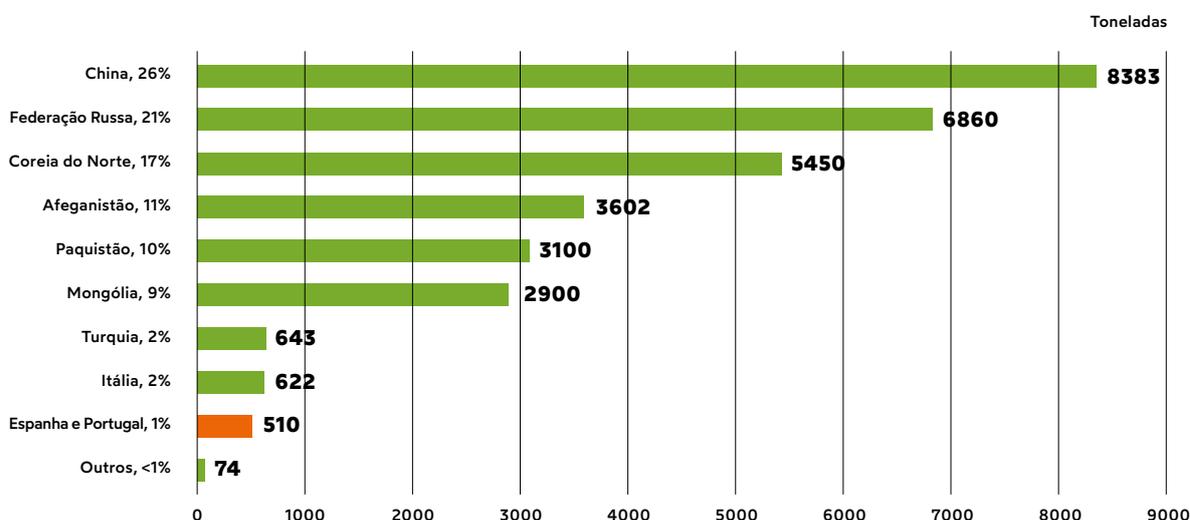


Figura 4 – Produção média de pinhão por país produtor (toneladas e percentagem) – média de 5 anos (2018/19 a 2022/23) (Fonte: International Nut & Dried Fruit Council – INC).

Além de maior produtor, a China é também o maior exportador mundial de pinhão, responsável por 61% das exportações mundiais. Curiosamente, a Alemanha, por ser um país de trânsito, é o segundo maior exportador, sendo responsável por 15% das exportações mundiais (Fig. 5).

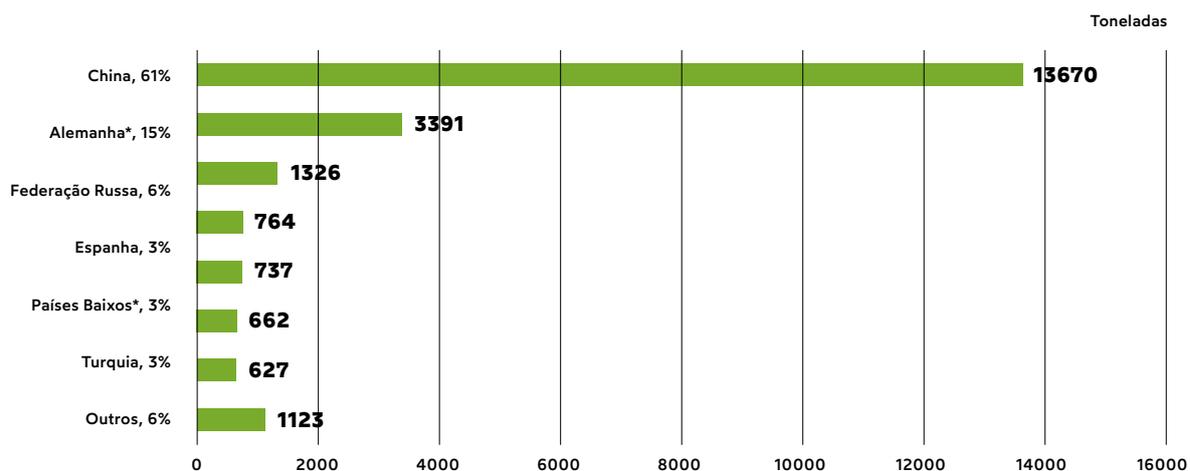


Figura 5 – Exportação média de pinhão com casca (toneladas e porcentagem) – média de 5 anos (2018/19 a 2022/23), países com (*) são países de trânsito (Fonte: International Nut & Dried Fruit Council – INC).

2. Incidências da Campanha

2.1 Evolução das Condições Climatológicas nos Anos que Antecedem a Campanha

As condições climatológicas têm influência na produção de pinhas, existindo uma grande variação anual na produção de pinhas que depende de fatores climáticos, sendo o mais limitante o stress hídrico. Estes fatores podem ser sintetizados da seguinte forma:

- Um bom ano para a iniciação das pinhas terá que ser um ano com um grande número de flores, ocorrência que depende da precipitação no inverno do ano anterior;
- O tamanho das pinhas produzidas no terceiro ano, quando são colhidas, assim como o peso das pinhas e o peso em pinhão, estão relacionados com a precipitação de fim de primavera / princípio do verão desse ano;
- Temperaturas extremas ou secas extremas durante qualquer período do ciclo de três anos na produção de pinhas irá reduzir substancialmente a produção de pinhão;
- As condições climáticas durante a polinização, a sincronização da libertação de pólen e a recetividade das flores femininas ou a fecundação são também determinantes para a produção.

De acordo com os dados do IPMA, dois dos quatro anos (considerando neste caso um ano zero que corresponde à diferenciação das estruturas reprodutivas) que antecederam a campanha de 2018/19, foram anos extremamente quentes e secos (2015 e 2017), apresentando reduções na precipitação na ordem dos 35% (valor médio) e incrementos na temperatura média anual de 1°C comparativamente ao valor médio para Portugal Continental (normal climatológica 1971-2000) (Fig. 6). O período de formação das pinhas da campanha de 2019/20 foi caracterizado por um ano extremamente quente e extremamente seco (2017), um ano quente e seco (2019) já no fim da formação da pinha e dois anos classificados como normais quanto à temperatura e precipitação (Fig. 6).

Comparativamente às campanhas anteriores, as campanhas de 2020/21, 2021/22 e 2022/23 apresentaram vários anos quentes e secos consecutivos (Fig. 6). Nomeadamente, a campanha de 2021/22 foi caracterizada por três dos anos quentes e secos, e o período de formação das pinhas da campanha de 2022/23 foi caracterizado por condições climáticas adversas, com quatro anos consecutivos quentes e secos (período de 2019 a 2022), que representaram uma redução acumulada de precipitação de 61,6 mm (Fig. 6), tendo o ano de início da apanha, 2022, sido extremamente quente (+ 1,5 °C).

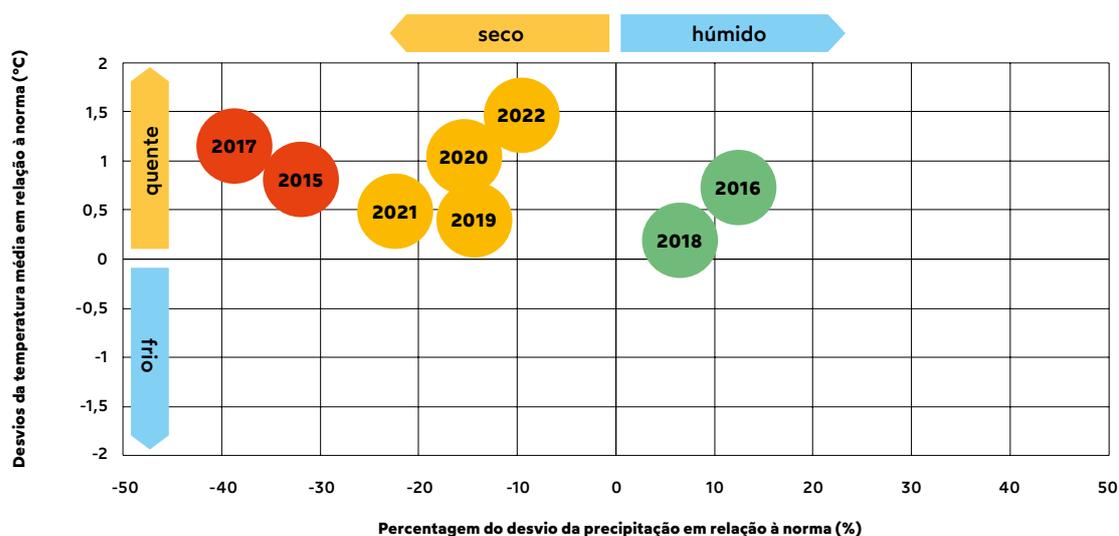


Figura 6 – Desvios da temperatura média do ar (°C) e precipitação (%) em relação ao valor médio 1971-2000 para Portugal continental, entre 2015 e 2022 (Fonte: IPMA).

De acordo com o modelo da fenologia reprodutiva do pinheiro-mansinho, desenvolvido por Valdivieso et al. (2019), são considerados cinco anos de desenvolvimento:

- Ano 0 – Diferenciação das estruturas reprodutivas;
- Ano 1 – Formação dos órgãos reprodutivos/polinização;
- Ano 2 – Quiescência;
- Ano 3 – Fecundação e maturação da pinha;
- Ano 4 – Deiscência, que apesar deste último ano fazer parte do ciclo natural, é eliminado pela apanha comercial das pinhas entre dezembro e março, antes da deiscência natural.

Analisando os quatro anos de desenvolvimento da pinha e destacando os anos e as estações do ano chave para alguns eventos fenológicos (Fig. 7), todas as campanhas tiveram durante a sua fenologia reprodutiva uma ou mais estações caracterizadas como secas ou extremamente secas, podendo ter influenciado o processo do desenvolvimento da pinha/pinhão. De destacar ainda que para todas as campanhas, exceto (2019/20) o ano da quiescência foi seco ou extremamente seco. De referir que primaveras extremamente chuvosas podem ser limitantes para a polinização, podendo ter sido o caso na campanha de 2018/19.

Ano	Período	Estágio	Campanha				
			2018/19	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23
0	outono	Diferenciação	■	■	■	■	■
1	primavera	Floração e Polinização	■	■	■	■	■
2	ano completo	Quiescência	■	■	■	■	■
3	primavera	Fecundação	■	■	■	■	■
	outono	Maturação	■	■	■	■	■

■ muito húmido (SPEI > 1,28) ■ húmido (SPEI entre 0,67 e 1,28) ■ normal (SPEI entre -0,67 e 0,67)
 ■ seco (SPEI entre -1,28 e -0,67) ■ extremamente seco (SPEI < -1,28)

Figura 7 – Caracterização climática das estações associadas a alguns estágios da fenologia da pinha nos anos antecedentes às campanhas de 2018/19 a 2022/23. O Índice Padronizado de Precipitação-Evapotranspiração (SPEI) é um índice de seca calculado com base na precipitação e na evapotranspiração potencial (Fonte: <https://spei.csic.es>). Os intervalos de SPEI apresentados estão de acordo com o trabalho desenvolvido por Isbell et al. (2015). Os estágios fenológicos considerados estão de acordo com Valdivieso et al. (2019).

Isbell F., Craven D., Connolly J. et al. 2015. Biodiversity increases the resistance of ecosystem productivity to climate extremes. Nature 526, 574–577.

Valdivieso T., Pimpão M., Trindade C.S. 2019. Fenologia reprodutiva do pinheiro-manso. Vida Rural, Abril, 40-41.

3. Fatores Determinantes da Estrutura de Custos da Apanha da Pinha

3.1 Energia

As evoluções dos mercados da área da energia refletiram os efeitos da pandemia e os efeitos do início do conflito Rússia-Ucrânia na economia global (Fig. 8). Após um ano de 2019 com algumas oscilações no preço do petróleo, variando entre 51,7€ e 64,4€, no último trimestre de 2019 a ligeira subida observada no preço do petróleo foi motivado pela incerteza quanto ao comportamento da procura, pelas tensões geopolíticas e pela decisão da OPEP e da Rússia em aprovarem o alargamento dos cortes acordados à produção de petróleo. Em 2020, a pandemia, agravada pela guerra comercial entre a Arábia Saudita e a Rússia, levou a uma queda abrupta da cotação do petróleo, com o preço a atingir um valor mínimo histórico de 13,69€ em abril desse ano. Em 2021, registou-se uma recuperação destas cotações, que se prolongou durante o início de 2022. No segundo trimestre de 2022, o preço do petróleo registou um valor médio de 108,34€, um aumento face ao trimestre anterior (92,35€), em resultado do conflito entre a Rússia e a Ucrânia. No mês de junho, a cotação do petróleo atingiu um máximo histórico de 120,49 €, registando um decréscimo nos dois trimestres seguintes. No terceiro trimestre de 2023, o preço do barril de petróleo inverteu a sua curva descendente com o início do conflito israelo-palestiniano.

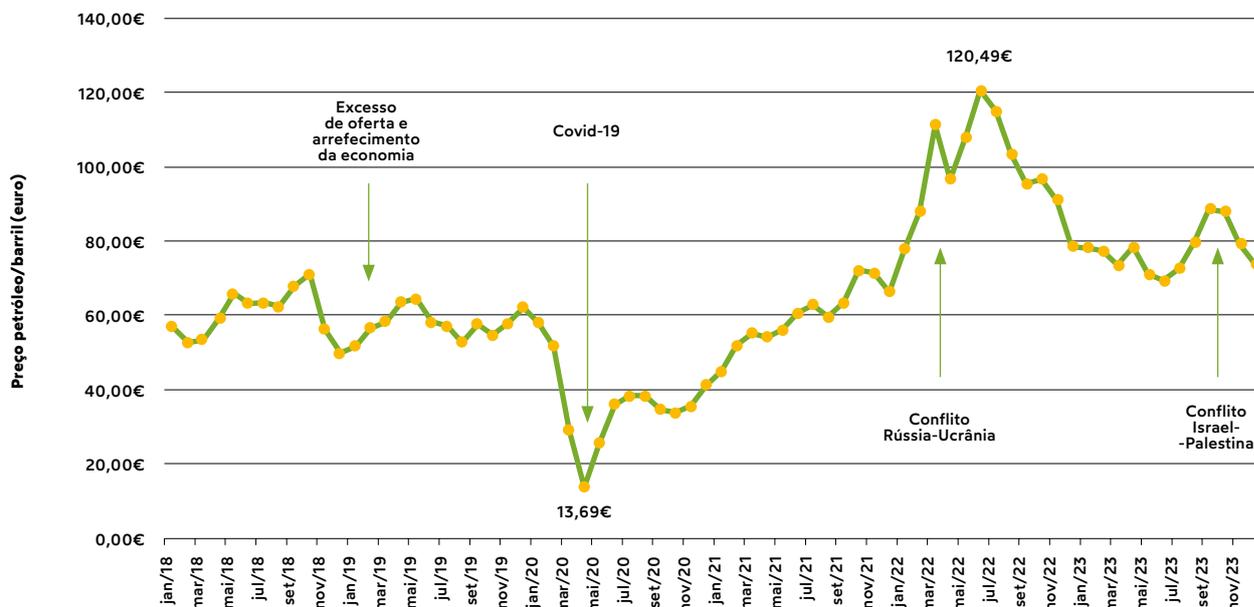


Figura 8 – Preços do petróleo (EUR por barril) entre janeiro de 2018 e dezembro de 2023 (Fonte: Banco de Portugal), e principais eventos que marcaram a evolução do preço do petróleo.

3.2 Taxas de Juro

Tal como em 2018, durante o período de 2019 a 2022 as taxas de juro em Portugal mantiveram-se sempre superiores à média da Zona Euro (Fig. 9). No entanto, as diferenças nas taxas de juro foram-se reduzindo durante aquele período. Em 2019, a diferença percentual entre Portugal e a Zona Euro era de 47,11%, diminuindo para 30,81% em 2022. Em maio de 2020, a taxa de juro média dos novos empréstimos concedidos a sociedades não financeiras (SNF) atingiu um novo mínimo (1,56%) (Fig. 9). Para esta descida, terão contribuído as linhas de crédito associadas à pandemia. Em fevereiro de 2021, as taxas de juro chegaram a 1,71%. A partir do segundo trimestre de 2022, as taxas de juros em Portugal e na Zona Euro apresentaram uma tendência crescente, mais do que duplicando entre abril e dezembro de 2022, fixando-se em 4,54% no final do ano. Durante 2023, as taxas de juro continuaram a aumentar, atingindo 5,94% em novembro (Fig. 9). A subida da inflação e das taxas de juro aumenta a pressão sobre os orçamentos das famílias, tendo impactos diferenciados em função das suas características socioeconómicas.

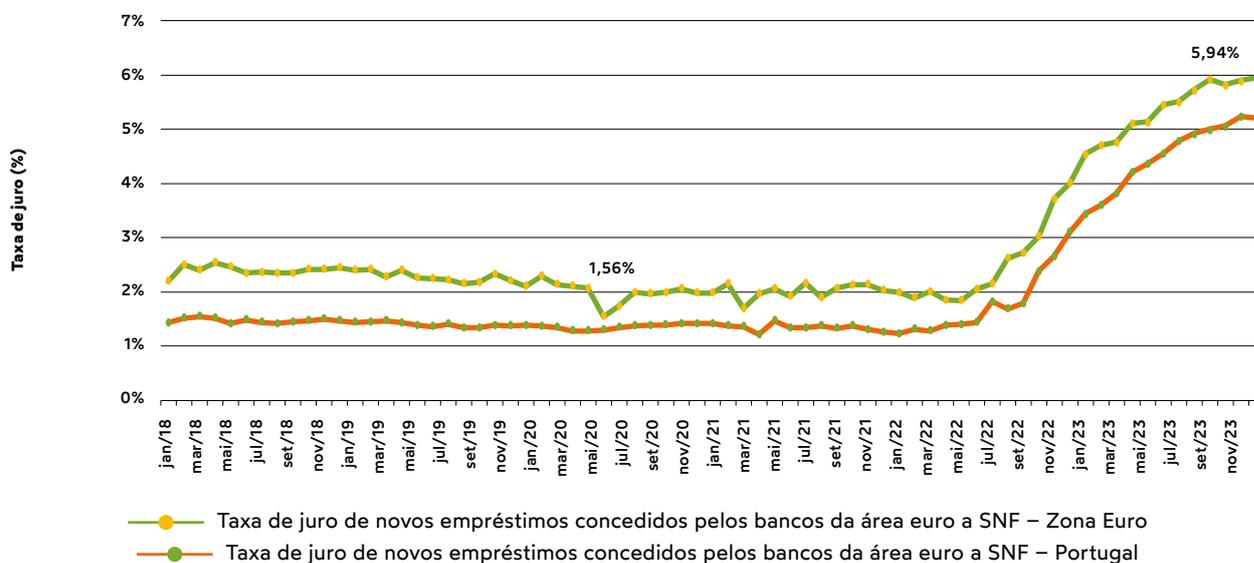


Figura 9 – Taxas de juro de empréstimos a sociedades não financeiras (SNF) (novas operações) de janeiro 2018 a dezembro 2023 (Fonte: Banco de Portugal).

4. Caracterização das Campanhas de 2018/19 a 2022/23

4.1 Enquadramento da Campanha

4.1.1 Oferta e Procura

Manteve-se sem alterações o regime jurídico aplicável à colheita, transporte, armazenamento, transformação, importação e exportação de pinhas da espécie *Pinus pinea* L. (pinheiro-manso) em território continental, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 77/2015, de 12 de Maio, mas o seu impacto tem decrescido de campanha para campanha, essencialmente pela ausência de fiscalização e de mecanismos de avaliação e revisão da plataforma disponível para emissão das declarações de colheita.

De acordo com a evolução da cotação de miolo de pinhão 2006/07 – 2023/23 na Lonja de Reus, após uma tendência de decréscimo do preço entre 2014/15 e 2016/17, tem sido registado desde a campanha de 2016/17 um aumento no preço de miolo de pinhão, com o maior aumento entre 2018/19 e 2019/20 (acréscimo de 29%), com um preço máximo atingido em 2020/21 (66,50 €/kg) (Fig. 10). Em 2021/22, o preço do miolo de pinhão decresceu 10,8% face à campanha anterior, no entanto, o valor registado (60 €/kg) foi o segundo valor mais elevado desde 2006/07. Durante a campanha de 2022/23, o preço do miolo de pinhão sofreu novo decréscimo (15,4%) chegando aos 52 €/kg. A retração do consumo e o conseqüente aumento dos stocks, juntamente com as importações da Turquia a preços significativamente mais baixos, estiveram na origem da queda de preço registada. A não obrigatoriedade no cumprimento da regulamentação europeia e o efeito cambial da Lira Turca, dão aos produtos oriundos da Turquia uma forte vantagem competitiva.



Figura 10 – Evolução da cotação do miolo de pinhão 2006/07 a 2022/23 (€/kg)

(Fonte: Lonja de Reus – mercado entre a indústria e a distribuição, as cotações de frutos da Bolsa de Reus são a principal referencia para todo o mercado da União Europeia).

4.2 Resultados do Inquérito

4.2.1 Caracterização do Universo dos Inquéritos

No âmbito das cinco campanhas que decorreram entre 2018/19 e 2022/23, foram rececionadas apenas 22 respostas aos inquéritos lançados em 2018/19, subindo para 75 respostas em 2019/20, 80 respostas em 2020/21, 65 respostas em 2021/22 e 99 respostas em 2022/23. No entanto, neste último ano, apenas 39 inquéritos apresentavam dados de produção (60 dos inquiridos não tiveram produção). A informação recolhida abrange os distritos de Castelo Branco, Évora, Portalegre, Santarém e Setúbal, e uma quantidade de pinha colhida que variou entre 169 toneladas em 2022/23 e 2154 toneladas na campanha de 2019/20 (considerando apenas inquéritos com pesagem de pinha) (Fig. 11).

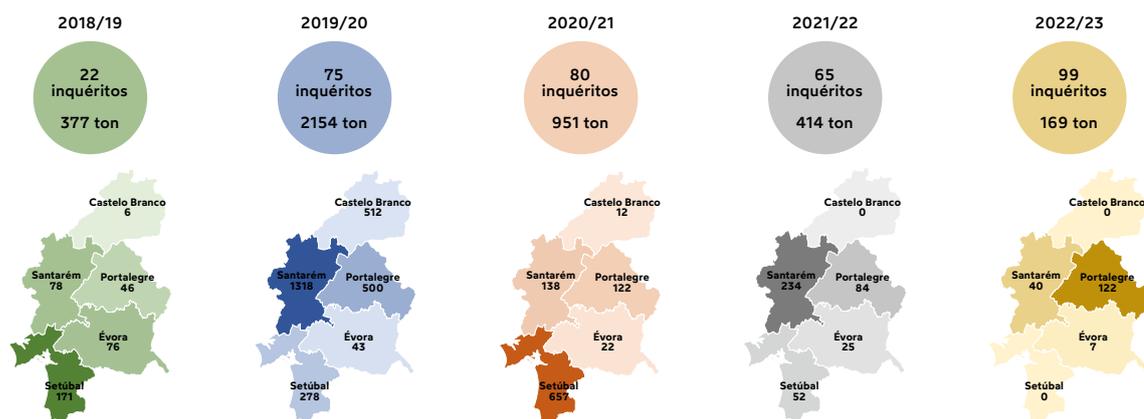


Figura 11 – Número de inquéritos rececionados e quantidade de pinha colhida (toneladas) nos distritos de Castelo Branco, Évora, Portalegre, Santarém e Setúbal (considerando apenas inquéritos com pesagem de pinha) nas campanhas de 2018/19 a 2022/23.

4.2.2 Colheita e Comercialização

No âmbito das cinco campanhas que decorreram entre 2018/19 e 2022/23, 86% da colheita de pinha foi efetuada de forma exclusivamente manual (Fig. 12). A mecanização da colheita manteve-se com uma baixa representatividade, eventualmente justificada pelo reduzido número de operadores no mercado e pelo receio dos potenciais impactos sobre a produção futura, o que não tem ocorrido, de acordo com os ensaios disponíveis.

	2018/19	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23
	86%	89%	85%	78%	90%
	9%	7%	10%	22%	10%
	5%	4%	5%	0%	0%

Figura 12 – Tipo de apanha, exclusivamente manual, manual e mecânica ou exclusivamente mecânica nas campanhas de 2018/19 a 2022/23 (percentagem de inquéritos) (Fonte: UNAC).

No que diz respeito à responsabilidade da apanha da pinha, nas campanhas de 2018/19, 2021/22 e 2022/23, o produtor foi o principal responsável pela apanha (65% dos inquéritos recebidos | média das três campanhas), em 2019/20 a percentagem de produtores que assumiu a responsabilidade da apanha foi de 55% (Fig. 13) e em 2020/21 apenas 37% das apanhas foram de responsabilidade dos produtores (Fig. 13).

	2018/19	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23
	36%	45%	63%	37%	31%
	64%	55%	37%	63%	69%

Figura 13 – Responsabilidade da apanha da pinha (comprador ou produtor) nas campanhas de 2018/19 a 2022/23 (percentagem de inquéritos) (Fonte: UNAC).

Relativamente à modalidade da venda da pinha, a grande maioria dos produtores (78%) (média das cinco campanhas) efetuou a venda da pinha com pesagem, enquanto 22% dos produtores efetuaram a venda da pinha sem pesagem, isto é, na árvore antes da apanha (Fig.14).

	2018/19	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23
	86%	79%	66%	77%	82%
	14%	21%	34%	23%	18%

Figura 14 – Modalidade da venda da pinha (com pesagem ou sem pesagem | venda na árvore) nas campanhas de 2018/19 a 2022/23 (percentagem de inquéritos) (Fonte: UNAC).

No âmbito das cinco campanhas que decorreram entre 2018/19 e 2022/23, o agente de comercialização mais representativo (> 50%) foi sempre o apanhador/intermediário comparativamente à indústria (Fig. 15). Nas campanhas de 2018/19 e 2019/20, a diferença entre os dois agentes de comercialização não foi tão marcada como nas campanhas seguintes. Em 2020/21 o apanhador/intermediário chegou aos 83% (Fig. 15).

	2018/19	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23
	55%	55%	83%	70%	73%
	45%	45%	17%	30%	27%

Figura 15 – Agente de comercialização (apanhador/intermediário ou indústria) nas campanhas de 2018/19 a 2022/23 (percentagem de inquéritos) (Fonte: UNAC).

Relativamente ao destino comercial, Portugal continua a ser o mercado preferencial da pinha colhida, variando entre 68% em 2019/20 e 86% (2022/23), sendo que cerca de 21% da pinha colhida é exportada (média das cinco campanhas) (Fig. 16). De salientar que em 2019/20 foi registado o valor mais elevado de pinha com destino à exportação 32%.

	2018/19	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23
	23%	32%	15%	20%	14%
	77%	68%	85%	80%	86%

Figura 16 – Destino comercial da pinha (exportação ou Portugal) nas campanhas de 2018/19 a 2022/23 (percentagem de inquéritos) (Fonte: UNAC).

4.2.3 Preços de Comercialização e Custos de Apanha

O preço médio de comercialização da pinha colhida (preço da pinha colhida e pesada) tem sofrido alguma variação. Entre 2018/19 e 2021/22, foram registados os valores mais elevados desde 2009/10, com um preço máximo de 1,43€ durante a campanha de 2020/21 (Fig. 17). Nas campanhas seguintes o preço de comercialização sofreu uma redução acentuada chegando aos 0,62 €/kg.

Entre 2009/10 e 2012/13, o custo de apanha de pinha apresentou uma tendência crescente, tendência esta contrariada nas três campanhas seguintes. A partir de 2016/17, o custo da apanha registou um aumento, com um acréscimo máximo de 25% entre as campanhas de 2018/19 (0,44 €/kg) e 2019/20 (0,55 €/kg). Em 2020/21 e 2021/22, o custo da apanha atingiu 0,63 €/kg, sendo este o maior valor registado desde 2009/10 (Fig. 18). Em 2022/23, o preço da apanha diminuiu 35% (0,41€/kg). Entre 2018/19 e 2022/23, o custo de apanha representou entre 39% (2019/20) e 66% (2022/23) do preço médio de comercialização da pinha, valores muito relevantes na estrutura de custos. Estes valores foram respetivamente os mais baixos e os mais elevados desde a campanha de 2009/10 (Fig. 17).

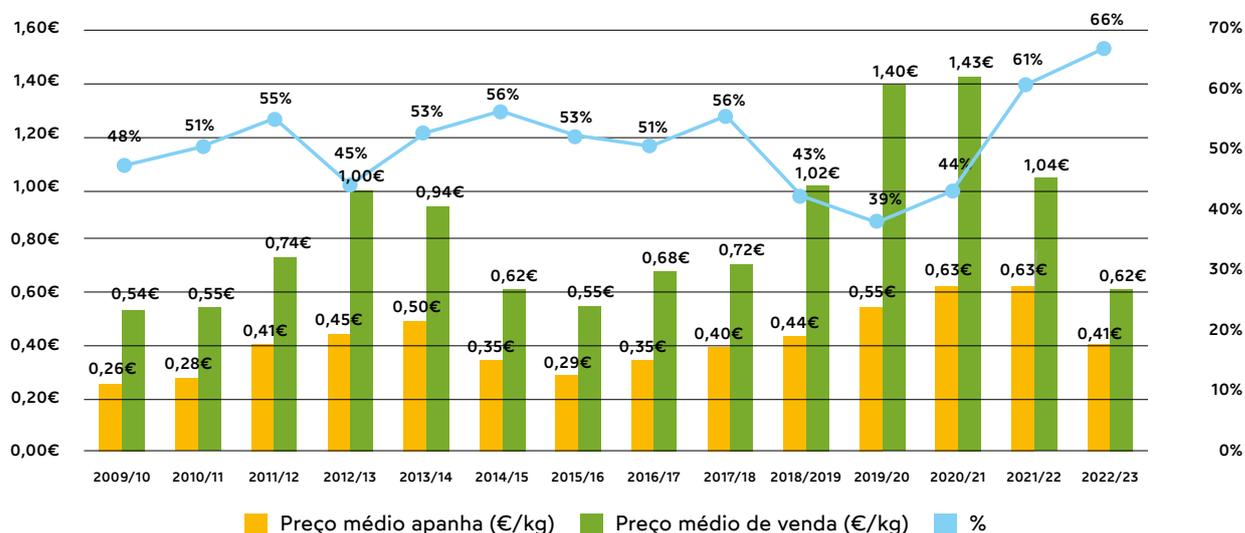


Figura 17 – Evolução do custo médio de apanha de pinha (€/kg) e do preço médio de comercialização da pinha (colhida e pesada) (€/kg) e percentagem do custo da apanha no preço de comercialização, entre 2009/10 e 2022/23 (Fonte: UNAC).

Nota Final

Este boletim inclui informações de cinco campanhas 2018/19 a 2022/23, caracterizadas por episódios que marcaram profundamente a economia, nomeadamente a pandemia e a guerra da Rússia contra a Ucrânia, com um aumento dos preços das matérias-primas, da energia e dos produtos alimentares. A diminuição do consumo, resultante deste contexto económico, a fraca e inconsistente produção nacional, em consequência de episódios de seca recorrentes, e a entrada de pinhão da Turquia nos mercados europeus a preços significativamente mais baixos são algumas das razões apontadas para a redução das exportações e a queda dos preços nos mercados europeus.

Ao nível nacional, ao longo destas cinco campanhas, o preço de comercialização da pinha apresentou variações bastante significativas, com valores superiores a 1,40 €/kg nas campanhas de 2019/20 e 2020/21, sendo estes os preços mais elevados desde 2009/10. Por outro lado, os preços de comercialização mais baixos ocorreram na campanha de 2022/23, com um valor de 0,62 €/kg. O custo da apanha da pinha seguiu a tendência de aumento observada desde 2016/17, atingindo o valor máximo de 0,63 €/kg nas campanhas de 2020/21 e 2021/22, mas diminuiu para 0,44 €/kg em 2022/23. Apesar desta diminuição e devido ao baixo preço de comercialização, o custo de apanha representou 66% do preço médio de comercialização da pinha na campanha de 2022/23, o que constitui uma percentagem muito significativa na estrutura de custos.

A UNAC deseja, mais uma vez, expressar o seu agradecimento aos produtores florestais pela disponibilização da informação compilada neste boletim, assim como às **nossas** Associadas pelo empenho contínuo na recolha de dados de produção junto dos seus associados. Sem este esforço coletivo, que se tem concretizado desde 2012, não seria possível dispor de informações tão essenciais para o setor da primeira transação e produção do pinheiro-manso e da pinha.

As nossas Associadas:

AFLOBEI - Associação de Produtores Florestais da Beira Interior

ACHAR - Associação dos Agricultores da Charneca

AFLOSOR - Associação dos Produtores Agro-Florestais da Região de Ponte de Sôr

ANSUB - Associação dos Produtores Florestais do Vale do Sado

APFC - Associação dos Produtores Florestais do Concelho de Coruche e Limitrofes

SUBERÉVORA - Associação de Produtores Florestais da Região de Évora